

04.) por CLEITON ECHEVESTE

# Seminário de Teatro Infantojuvenil da Trupe de Truões: **desaprendendo e reaprendendo**

Rio de Janeiro, Dezembro de 2019

Ao escrever este texto, no qual tento dar conta das minhas impressões a respeito da 5ª edição do Seminário de Teatro Infantojuvenil da Trupe de Truões, falo a partir de três lugares distintos, porém totalmente interligados e complementares. Falo como artista, integrante de um coletivo, a Pandorga Cia. de Teatro, do Rio de Janeiro/RJ, que, em 2017, participou da 4ª Mostra de Teatro Casa Aberta, no Ponto dos Truões, apresentando o espetáculo para a infância e juventude *Juvenal, Pita e o Velocípede*. Falo também do lugar de colega e admirador, já há alguns anos, do trabalho desenvolvido pela Trupe no Ponto dos Truões, lugar que

---

1. *Cleiton Echeveste* - Presidente do Conselho de Administração Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. (CBTIJ / ASSITEJ BRASIL)

me permitiu assistir e programar espetáculos de grande qualidade, que trazem a marca da criação e da produção alicerçadas na pesquisa de linguagens, na construção de uma relação horizontal com seu público e na investigação de temas abordados por meio de uma leitura própria, autoral, criadora. E, por último, falo do lugar de parceiro de rede, o CBTIJ/ASSITEJ Brasil, Associação Cultural na qual exerço atualmente a função de presidente do Conselho de Administração e da qual a Trupe de Truões é Núcleo Regional em Uberlândia/MG. É principalmente a partir deste último lugar que eu falo, sem deixar de lado as impressões e sensações às quais os dois outros lugares me permitem acesso.

Ainda em 2018, Ricardo Augusto fez contato comigo, manifestando o interesse de que o CBTIJ/ASSITEJ Brasil estivesse presente no 5o Seminário, até então com data de realização indefinida. Além do convite para que eu participasse, começou ali também uma colaboração no pensamento sobre qual seria o perfil que o Seminário viria a ter, quais seriam seus temas, quem seriam seus convidados. Nas conversas e trocas que se sucederam àquele convite, uma questão em especial me chamou muito a atenção. A Trupe tinha o desejo de investigar um território ainda novo na sua trajetória: o teatro para a primeira infância, o teatro para bebês. A motivação (ou uma delas)



**vimos e escutamos olhares  
e reflexões sobre a criança,  
e não somente “sobre” a  
criança, mas principalmente  
“para” e “com” a criança.**



era o fato de que em breve nasceriam os filhos das atrizes Amanda Aloysa e Laís Batista, o João Miguel e a Luiza. Com isso, uma série de questões começava a ser colocada para o grupo: como integrar o desejo da maternidade de duas atrizes com seu trabalho artístico, pedagógico e administrativo? De que forma se abriria o espaço necessário para que elas vivessem de forma plena esta experiência e, ao mesmo tempo, incluindo-as, a Trupe continuasse desenvolvendo seus projetos? E a chegada quase simultânea de dois bebês, o que acrescentaria e em que modificaria os olhares dos Truões?

Só mesmo o grupo poderia responder a estas questões, mas o Seminário foi uma oportunidade para se perceber o que o nascimento da Luiza e do João Miguel significou na prática: ele se constituiu não só num espaço afetivo e simbólico, mas também num espaço físico, pensado para eles e outros pequenos, com mães e bebês plenamente inseridos nas atividades, cercados todos por uma rede de afetos, com naturalidade e tranquilidade.

Aponto esse aspecto, para mim fundamental de todo o Seminário, porque, no meu entendimento, esse foi o pensamento norteador durante toda a sua duração: vimos e escutamos olhares e reflexões sobre a criança, e não somente *"sobre"* a criança, mas principalmente *"para"* e *"com"* a criança. Este, para mim, foi o *"caldo"* no qual o Seminário foi produzido e foi também o seu grande diferencial.

Posso falar também especificamente sobre a mesa da qual participei, sobre redes no teatro para a infância e juventude. Um encontro rico e provocador. Ele me fez pensar em algo muito mais amplo do que as redes profissionais às quais o tema imediatamente nos remete. Como apontou a mediadora Carol Fescina, nós acrescentamos às redes das quais participamos as redes que nós individualmente representamos, as redes que nós somos. Nós, pessoas físicas, para além das instituições, dos coletivos. Afinal, nós somos relação e é a partir das relações que nós tecemos, que podemos nos entender como seres humanos. Nossas redes nos constituem desde que nascemos – vide as redes de carinho, de abraços, de cuidados em torno dos bebês da Trupe. Assim como o teatro é esse fenômeno que se dá a partir das relações ator-ator, ator-espectador e espectador-espectador, e tanto melhor é o teatro quanto melhores, mais orgânicas, engajadas e profundas são estas relações, também nossa atuação (ou não) em rede diz muito sobre a qualidade das relações pessoais e profissionais que nós estabelecemos.



A oportunidade de participar desta mesa surgiu em um momento muito significativo. Em 2020, o CBTIJ/ASSITEJ Brasil comemora 25 anos de atuação. Ainda que, ao longo do tempo, a Associação tenha tido suas ações principalmente centradas na cidade e no estado do Rio de Janeiro, onde está sua sede, as oficinas, as mostras, os seminários, a atuação política da Associação tiveram e têm um impacto bastante relevante na cena teatral para a infância e juventude no país. Cito, em seguida, alguns exemplos.

Foi através de uma proposta nossa que, em 24 de junho de 2008, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou a Lei no 11.722, que dispõe sobre a criação do Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude, dia 20 de março. Entre outras ações, neste dia é anualmente divulgado um cartaz comemorativo, especialmente criado por um artista convidado. A ação tem como objetivo despertar a consciência sobre a importância do Teatro para a Infância e Juventude, especialmente no contexto social, econômico e político de um país capitalista periférico como o Brasil.

Neste cenário, de forma independente, o CBTIJ/ASSITEJ Brasil mantém um site que abrange a criação, investigação e produção de artistas, pesquisadores e produtores, sem distinção entre associados e não associados. Fonte importante para muitos gestores culturais e pesquisadores, o site inclui entrevistas, críticas, publicações, artigos, dissertações e teses acadêmicas, bancos de espetáculos e de textos,

e diversas outras informações que constituem um panorama completo sobre a memória do teatro para a infância e juventude do país, desde os anos 40 do século passado.

Desde 2014, é realizado, também de forma independente, o Prêmio CBTIJ de Teatro para Crianças. No Rio de Janeiro, atualmente ele é o único prêmio de teatro na área. Ainda que seja um prêmio cujo foco é a produção carioca, por meio de prêmios especiais, menções honrosas e homenagens são reconhecidos artistas de outras cidades e estados brasileiros.

Dando forma a uma antiga aspiração da Associação, tendo em vista representarmos, no Brasil, a Associação Internacional de Teatro para a Infância e Juventude – ASSITEJ, iniciamos a articulação da proposta de criação dos Núcleos Regionais do CBTIJ/ASSITEJ Brasil. Esta articulação, aliás, já é apontada como um modelo pela Secretaria Geral da ASSITEJ para países do hemisfério sul. O próprio Seminário da Trupe é, na sua 5ª edição, uma realização conjunta do Núcleo Regional do CBTIJ/ASSITEJ Brasil em Uberlândia/MG. Da mesma maneira, outros núcleos regionais já se encontram em ação, em São Paulo e Porto Alegre, e outros começam a ser encadeados, em Brasília, Salvador e Belo Horizonte. Com a missão de se integrar ativamente à rede e de se tornarem

---

1. *Atualmente estas redes são:* International Theatre for Young Audiences Research Network – ITYARN (de pesquisadores), Write Local, Play Global – WLPG (de dramaturgia), Small Size (de teatro para a primeira infância/os primeiros anos), Next Generation (de desenvolvimento profissional) e International Inclusive Arts Network – IIAN (de inclusão). Está em articulação a novíssima rede de dança para a infância e juventude, que deverá ser oficializada no 20º Congresso da ASSITEJ, em Tóquio, no Japão, em maio de 2020. Mais informações sobre as redes profissionais da ASSITEJ encontram-se no site: [assitej-international.org/en/networks-in-assitej](http://assitej-international.org/en/networks-in-assitej)

espaços de intercâmbio de informações, de reflexões e de ações na área, os Núcleos Regionais passam a desempenhar papel fundamental na efetiva nacionalização do CBTIJ.

Uma maior presença junto à ASSITEJ e suas redes<sup>1</sup> vem se concretizando nos últimos tempos, seja através da participação efetiva em eventos ou da interlocução e colaboração regular com estas mesmas redes e com o Comitê Executivo da ASSITEJ. Podemos citar diversos exemplos, como a participação do nosso conselheiro Paulo Merisio no Comitê Executivo da ITYARN (rede de pesquisadores) e a participação regular de nossos conselheiros, coordenadores de Núcleos e associados em eventos (Congressos trienais e Encontros Artísticos anuais da ASSITEJ, festivais de teatro e showcases internacionais, assinatura da Aliança do Teatro para a Infância e Juventude dos BRICS, Encontros presenciais das Redes). Cabe destacar também nossa participação regular junto à Rede Iberoamericana de Artes Cênicas para a Infância e Juventude<sup>2</sup>, e à Vincular – Rede Latino-americana de Criação Cênica para os Primeiros Anos<sup>3</sup>.



---

2. <https://rediberoamericana.assitej.net>

3. <http://primerainfancialatam.blogdiario.com>



Este resumo demonstra o desejo de uma articulação cada vez maior com outras redes e espaços voltados para as artes cênicas dedicadas a crianças e jovens. Os desafios são imensos, assim como as limitações estruturais e financeiras, mas espaços, como o que foi gerado pela Trupe neste Seminário, sinalizam caminhos efetivos de maior convivência, interlocução e permeabilidade.

Sobre as outras questões que o nascimento da Luiza e do João Miguel vem trazendo para a Trupe, acho que o tempo vai se encarregar de responder. Mas eu posso imaginar, a partir da verticalidade da experiência, um aprofundamento das relações, uma qualidade ainda maior dos afetos, com conseqüente geração de novas investigações artísticas e propostas pedagógicas para os primeiros anos. Ou seja, todo um novo caminho, um novo campo, para acolher a novíssima geração e para, com eles e elas, desaprender e reaprender.

